

A escola

Não, meu querido, não irás. Com que ardor impaciente quiseste aprender a ler, quando compreendeste que as letras poriam à tua disposição essas lendas históricas, que mendigavas aos lábios das pessoas grandes!

Com que alegre curiosidade partiste ao descobrimento do mundo maravilhoso das plantas e dos bichos, e como a tua sede de conhecimentos se mostrou insaciável!

Com que entusiasmo nunca diminuído observaste os operários no seu trabalho, e exercitaste as ágeis mãos em manobras no manejo das ferramentas!

Com que prazer criador desenhaste e contaste as tuas experiências!

Intrigado pela aplicação com que se curvavam os teus camaradas de classe, quiseste juntar-te a eles; mas não compreendeste porque devias ficar imóvel durante horas, porque devias calar os teus comentários ou o teu aborrecimento.

Então, no dia seguinte, declarouste: «Gosto mais do jardim». E desde aí, ó meu deus pequenino de pele morena e caracóis soltos! olhas algumas vezes pela janela, com ar de galhoifeira piedade, e enclausurados, que às escondidas te respondem com uma careta, e logo voltas à tua pá ou aos teus desenhos.

Um dia, falou-se na tua presença doutras escolas, mais distantes; a tua mamã disse-te: «Agora, nada mais posso fazer por ti; tens de ir para lá para aprenderes mais».

E tu, querido homenzinho corajoso, respondeste: «Pois sim, leva-me». E disfarçaste as lágrimas porque vias que a tua mamã estava angustiada por se separar de ti.

Mas um dos teus camaradas veio a férias. Descreveu as tristes salas frias, os estudos à luz do gás, os pátios ora lamacentos ora poeirentos, os passeios em longas filas sob vigilância, as partidas feitas aos colegas, as vinganças contra as pulhas do prefeito. E ria com vontade.

Tu olhaste-me muitas vezes com um ar de aflição. E outro dia, quando passámos diante da alta parede cinzenta com janelas de grossos varões, diante da porta impassível, apertaste-te viva-

mente contra mim e, já irresoluto, murruraste: «Terei de ficar ali preso?»

Não, meu querido, não irás. Acudiram-me à lembrança os leitos em fila nos dormitórios silenciosos; as longas mesas dos refeitórios onde apenas se podia murmurar; as salas em que o trabalho era glacial de manhã e à tarde o estudo sobreexcitante e febril; a tília solitária, ao fundo do pátio, onde à noite ia esconder-me, para chorar, sem que ninguém visse...

Não, meu querido, não passarás por isto.

Sofri muito. Não caçoaram de mim porque eu servia-me dos meus punhos como um rapaz. Mas as rivalidades, as injustiças; mas as punições que reprimem toda a independência de linguagem; mas as iniciações abjectas do dormitório; mas as saídas, como cães levados à trela. Mas acima de tudo, acima de tudo, toda a solidão abolida, todo o devaneio rechaçado, toda a comoção escarnecida, toda a ternura embotada...

Não, meu amor, hei-de poupar-te a isso.

Querias-te livre, e quero-te feliz, meu bem-amado. Escuta: pediremos aos nossos amigos da cidade que te dêem hospedagem. Tenho confiança nos teus olhos sérios e na tua boca enérgica. Visto se precisos que vás longe de mim adquirir o saber que eu já te não posso dar, receberás dos professores o alimento que reclama o teu espírito ávido, e o teu tesouro ficará intacto. Não darás o teu corpo que os nossos cuidados tornaram vigoroso, a tua inteligência instrutivamente inclinada para a beleza, a tua alma fresca e simples, para voltares com um sangue depauperado e talvez com o asco do trabalho forçado, com mórbidas curiosidades. Regressarás à tarde flanando, voltarás com prazer ao teu plácido quartinho, gostosamente farás tua a ciência impessoal que te houverem ensinado.

E, se o coração te pedir, ninguém te impedirá de gazeares, quando o bosque cheio de perfumes é tão sedutor, nem de te deteres, ao passar, em casa dos artistas teus amigos cujas mãos criadoras realizam milagres, ainda mais maravilhosos que a voz dos mestres de antanho.

Convite à viagem

Partimos?

Mas sim, meu querido, é preciso. Como tu estás hoje indolente! E' verdade que, dentro de casa, está a gente quentinha e em paz. Sim, a estreita solidão duma célula é o lugar favorável entre todos para meditar sobre a vida e os homens. E' bem certo que «a imaginação pode abrir as asas grandes como o mundo...» Mas a abelha primeiramente vai ao longe em busca da presa e depois é que fabrica o mel! Meu filhinho, como é são e natural o amor da abstracção, dos grandes sistemas apriorísticos: como é fraco e mórbido o retraimento, a pretensão a tudo achar em si mesmo!

Partimos?

Este quarto afinal cheira a banho. Chegou a estação em que o apelo da estrada se faz ouvir. Prepara a tenda, a cozinha de acampamento. Dispõe sólidamente a carga nos nossos velocípedes. A estrada, a linda estrada direita até ao horizonte, o piso duro... Não, nenhuma dessas caixas fétidas e barulhentas: automóveis, vagões. Os nossos velocípedes silenciosos e dóceis.

Já a fadiga do início está vencida. A engenhosa tentadora! Não lhe des ouvidos e ela some-se. Sob o influxo do esforço regular, abrem-se-te os pulmões; o ar desliza-te sobre a pele fresca, lava-te da poeira do inverno. A medida que avanças, os teus movimentos fazem-se mais livres; despojas-te pouco a pouco das peças de vestuário que são inúteis, até ao ponto em que a estupidez social te proíbe ir mais longe.

Ao mesmo tempo, milagre! também o teu cérebro se alivia, se descongestiona, se purifica. Agora só vão subsistir nêlo os pensamentos fundamentais, só os que são belos, só os que são bons. Já não pertences a uma aldeia, a um officio, a uma classe social. Somos «pessoas que não são daqui». Abaixo a máscara, abaixo as conveniências, abaixo as «obrigações». E' a vida e nada mais: a sã fadiga, o repasto frugal à beira do regato, o sono feliz sob os pinheiros murmurantes, a luta contra os elementos, os encontros pitorescos. Todo o teu

corpo, tôdas as almirhas particulares de cada uma das tuas células, partilham a tua alegria de viver.

Pois bem, avante! ainda mais longe...

O mar está na tua frente. Não herdaste de mim o amor dos vastos horizontes? Mas sim, e vejo-te arquejante, impaciente, sófrego de descobrimentos sem número. Todos os poetas falaram verdade, todos, todos, com as suas visões contraditórias. Basta partir. A maravilha é partir. Quem é êsse que se mostra desapontado porque tiritou sob a chuva de Papeete, ou porque os mosquitos o devoraram nas margens do Hudson? Que se deixe ficar então ao canto da lareira!

Mas, meu querido, a expatriação é bem pouca coisa se viajares apenas através do espaço, bem escorado numa situação firme e sem riscos. Retoma o teu saco. Lembra-te dos nossos livres acampamentos ao longo dos caminhos. Do mesmo modo que, a bordo, corrias dos patóis ao tombadilho, afronta vários officios, roça-te por tôdas as peles, macias ou ásperas. Como mergulhavas do alto da ponte mergulha em novas raças, vive a sua vida, conhece-as intimamente. Aprende a amá-las na sua atraente humanidade, na sua profunda humanidade.

Mas, avante! os teus músculos são sólidos. Como eles a tua alma progressivamente se fortalecerá. A tua visão será mais justa e verdadeira. Saberás destacar o essencial entre os montões dos conhecimentos e das morais; discernir tudo o que mereça interesse e realização...

E depois, como Ulisses, voltarás «cheio de experiência e razão»—mais amando os indivíduos que os sistemas, e a vida que os filósofos.—Então, na tua célula fechada, toda a poesia do mundo vibrará à margem dos teus livros; só então terás o direito de zombar do tempo e do espaço, e de afirmar que todo o universo e todo o amor podem caber num só coração.